

CHAMADA DE ARTIGOS

Cadernos de Literatura Comparada, n.º 48

(Junho de 2023)

- **Desaparecimento e mutação do mundo conhecido.**

Abordagens identitárias, pós-coloniais e ecocríticas

Data-limite: 26 de fevereiro de 2023.

Certamente mais do que noutras épocas, as nossas sociedades tomaram plena consciência da possibilidade concreta do desaparecimento ou da simples mutação. Percebem-se mutáveis, mesmo que lhes custe admiti-lo e lhes falte algum recuo para pensá-lo, o que Paul Valéry traduzia no contexto do seu tempo por *We later civilizations . . . we too know that we are mortal.*

Com efeito, a uma percepção estável e imutável das coisas, fundada numa ontologia fixa, foram-se historicamente opondo abordagens dinâmicas do curso da História. Pense-se na conceção heraclitiana da perpétua mudança e da renovação do cosmos, retomada por Camões no célebre *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*. Ou ainda na desconfiança em relação à metafísica ocidental de que Édouard Glissant é, mais perto de nós, o teórico herdeiro ao desenvolver o conceito operatório de “caos-mundo” (Glissant, 1997) ou de “Poética da Relação” (Glissant, 1990), reinterpretado ultimamente a partir da leitura das complexidades do contemporâneo proposta por Dominique Viart (2019), nomeadamente ao cruzar esse mesmo conceito com o de *inseparado* lançado por Dominique Quessada (2013).

De igual modo, a tensão messiânica judaico-cristã, ao introduzir na narrativa escatológica a esperança numa nova terra, numa terra prometida, ativou a percepção da mutação necessária, e inclusive desejável, do mundo, revezada pela modernidade, quando hipostasia, nas suas várias meta-narrativas, as categorias da revolução e do progresso (Lyotard, 1979).

Na verdade, a História, trágica porque inacabada, não deixou de ilustrar essa dinâmica de mutação dos impérios, dos povos e das nações de que resulta forçosamente, conforme os lugares e as circunstâncias, o desaparecimento do mundo conhecido. Este traduziu-se historicamente pela sucessão das potências, o encadeamento das grandes religiões e espiritualidades, as empresas evangelizadora e islamizadora, a consolidação das colonizações consecutivas a partir dos Descobrimentos, a complexidade e a interconexão do tráfico de escravos e comércio triangular.

Com efeito, dele sempre resultaram migrações, alterações de fronteiras, conversões mais ou menos forçadas, desenraizamentos culturais, perdas de referências identitárias e de habitats. Neste sentido, toda a preocupação com a preservação e a perpetuação de um qualquer mundo esbarra com dinâmicas que votam esse mundo ao desaparecimento, ou à mutação radical. Para nos convencermos disso, bastará projetarmo-nos na história do Magrebe, das Américas ou, mais recentemente, da Europa pós-comunista.

Se o dinamismo histórico induz reações ideológicas e reticências sociais extremas e opostas, como se observam na Europa de hoje, as quais vão do todo multicultural à reivindicação identitária nacionalista, ou do sentimento nostálgico em relação a certezas e referências desmoronadas, e de que o fenómeno de “Ostalgia” (Ahbe, 2005), ou a vivência traumática pós-memorial (Hirsch, 2008) são exemplos, também motivou e mobilizou abordagens teóricas do fenómeno literário que, a partir dos Estudos pós-coloniais (Bhabba, 2007 ; Amar, 2008), dos Estudos decoloniais (Mignolo, 2013), dos Estudos Culturais (Baetens, 2003 ; Engel, 2008), dos Estudos de Área e atlânticos (Gilroy, 1993;

Schäfer, 2010) à Ecocrítica (Barry, 2009), descrevem as complexidades do mundo atual a partir de um prisma móvel, global e problematizador (Damrosch, 2003).

Contudo, o desaparecimento e a mutação do mundo conhecido envolvem igualmente outras questões e fenômenos contemporâneos como sejam a migração digital (Doueiri, 2013) e a mudança estrutural da esfera pública e política provocada pelo recurso aos meios digitais (Han, 2021). Inscrevem-se também no desmantelamento do proletariado (Ellul, 1982), da classe média (Gaggi et Narduzzi, 2006) e de certos ofícios em benefício de novas profissões, bem como na irreconhecibilidade de certos bairros das cidades-mundo (Sassen, 1991), redefinidos enquanto lugares de mestiçagem, de criouliização, de cosmopolitismo, ou de uma nova aculturação do *autóctone* face ao contexto diversitário.

Assim, convidamos os investigadores a debruçarem-se, num quadro comparatista, sobre a reflexão em torno destas problemáticas históricas ou em curso que a literatura interroga, a partir dos seguintes **eixos** relativos às implicações do desaparecimento e da mutação:

1. do território e das referências socioculturais;
 2. do habitat humano ou ecológico;
 3. das referências identitárias pessoais ou coletivas;
 4. dos fundamentos identitários nacionais;
 5. do quadro tradicional e analógico pela digitalização.
- Todos os artigos devem ser enviados, por e-mail, para o cadernospreviewjune@gmail.com até **26 de fevereiro de 2023**. Os artigos submetidos devem estar de acordo com as normas de publicação dos Cadernos de Literatura Comparada, disponíveis em: <https://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/about/submissions>
(se os artigos não estiverem de acordo com as normas de edição, estes poderão ser rejeitados e não são submetidos à revisão cega por pares.)

- Serão aceites trabalhos inéditos nos seguintes idiomas: **português, inglês, espanhol e francês.**

Este número 48 dos Cadernos de Literatura Comparada é organizado por:

Maria de Fátima Outeirinho

José Domingues de Almeida